



?

O
arauto
da
santidade

ÓRGÃO OFICIAL EM PORTUGUÊS
DA IGREJA DO NAZARENO
15 DE SETEMBRO DE 1978





desperdício

Agora que a crise de energia se torna mais aguda, muitos se precipitam rumo a qualquer solução. Em todos os países, porém, os esforços polarizam-se em dois princípios: *conservar e produzir*.

A tarefa de conservar pôs a nu um elemento resultante de desleixo universal: desperdícios. Subitamente, nos damos conta do avultado caudal de energia gasta em futilidades.

Um estudo do lixo de várias metrópoles apurou que muito que até os mais pobres deitam fora, ainda podia ser usado ou transformado. Nas escolas surgem programas que orientarão os mais novos nesta urgente política de *poupar, poupar e poupar* sempre. Reduzem-se os tamanhos e a cilindragem dos veículos; promovem-se transportes públicos colectivos, num esforço crescente de fazer durar a reserva já mesquinha de energia. Alertados, órgãos de informação pública

condenam desperdícios.

Houve um tempo em que uma campanha contra o que foi chamado de *desperdício* se mostrou exagerada. Porque o mesmo espírito acusador ainda nos ronda, vale a pena vermos de perto a cena em que palestinos protestaram contra o que consideraram tolice económica. O relato é de Mateus (26:7-8): "Aproximou-se dele [Jesus] uma mulher com um vaso de alabastro, com unguento de grande valor, e derramou-lho sobre a cabeça, quando ele estava assentado à mesa. E os discípulos, vendo isto, indignaram-se dizendo: Por que é este desperdício?"

A acusação era, pois, *desperdício no campo religioso*.

Se o texto é antigo, a questão ainda vive conosco. Quanto tempo devemos dedicar a Deus? Não pede a igreja uma frequência exagerada? Quanto dinheiro devemos dar para a obra missionária? Que direito tem a religião de es-

perar e absorver o nosso capital mais precioso? Não bastará ir ao templo em datas festivas ou para acontecimentos especiais: Natal, Páscoa, batismo, casamentos, funerais? Não existem à nossa volta orfanatos, asilos, prisões e tantos mendigos—todos mais merecedores do nosso tempo e generosidade financeira?

Se ministros da igreja de hoje enfrentam esta contestação, lembremos que ela foi primeiramente dirigida a Jesus Cristo. Ali, olhando para Ele, um dos Seus seguidores lançou o libelo: *desperdício*.

Sem se dar por ofendido, Jesus aproveitou a ocasião para frisar verdades talvez hoje ainda mais relevantes:

Classificou a acção de boa. Sancionou-a, portanto. Quantas vezes guardamos apontamentos minuciosos do que damos à igreja, e esquecemos quantias bem maiores que gastamos em nós próprios ou para causas reticentes!

O orçamento para armas de qualquer país traduz-se em cifras de milhões. Deve a igreja, a promotora da paz interna e externa, ser relegada a migalhas? A venda de drogas canaliza fortunas para bolsos criminosos. Haverá qualquer quantia demasiado grande para manter aberta uma porta que, graças a Jesus Cristo, garante a liberdade do vício?

Um rei ocupadíssimo escreveu: "Alegrei-me quando me disseram: Vamos à casa do Senhor". E ele disse porquê: o templo é refúgio para a alma e ninho para o espírito. Este abrigo não tem preço.

A segunda verdade frisada por Jesus é que a oferta daquela mulher teria repercussões universais.

Tudo que damos a Jesus ganha valor especial. Por mais modesta que seja a dádiva: tempo, afeição, talentos, recursos materiais—Ele a utiliza para a eternidade. Não há desperdício quando investimos em Cristo. □

—Jorge de Barros

entregues a si mesmos



—George Coulter
Superintendente Geral

No que parecia ser um comentário à margem, Marcus Loane, arcebispo de Sidney, Austrália, resumiu nestas palavras os três primeiros versículos de Efésios, capítulo 2: "Uma representação gráfica do que é o homem quando entregue a si mesmo".

Quando "o homem se encontra entregue a si mesmo" não constitui um quadro bonito: —está morto para as realidades espirituais, encontra-se sob o controle do pecado, é governado pela inclinação da sua natureza caída,

é vítima do princípio invisível do mal, acha-se dominado e dirigido por si mesmo, está exposto à ira de Deus.

Não se trata da avaliação do homem quanto à sua condição—mas de Deus. A prova é que, quando o homem está entregue a si mesmo torna-se cada vez mais depravado e corrupto.

Mas o amor e a misericórdia de Deus são tão grandes que, através de Jesus Cristo, o homem pecador pode ser vivificado da morte e restaurado para uma nova vida. O desígnio magnífico de Deus para o género humano é tal que nós podemos ressuscitar em Cristo Jesus e sentar-nos nos lugares celestes.

A intervenção da graça divina é tão completa que os que foram outrora obstinados, deso-

bedientes e perversos, são incorporados na verdadeira família de Deus.

Não é de admirar, podermos dizer com Paulo: "Deus . . . é riquíssimo em misericórdia" (Efésios 2:4).

Deus nunca abandonou o homem a si próprio. A desavença e inimizade entre Deus e o homem foi ideia do diabo—não de Deus. De facto, Deus simplesmente impede que o homem se afaste para seguir o seu próprio caminho. O poeta disse e bem: "Amor que não me largas nunca!"

Também a Igreja, o corpo de Cristo, não quer abandonar o homem a si próprio! Deseja enviar mensageiros, testificar, suplicar e orar; deseja ir até aos confins da terra para salvar pessoas de serem entregues a si mesmas. O seu trabalho é um serviço de amor. Ela "leva a preciosa semente, andando e chorando" e, assim, "voltará, sem dúvida, com alegria, trazendo consigo os seus molhos" (Salmo 126:6).

Existe persistência e tenacidade por parte da Igreja de Jesus Cristo em fazer o melhor ao seu alcance. Ela não desiste com respeito a cada indivíduo. Não deseja ser impedida até todos terem ouvido e visto, através da graça de Deus, quão grandes coisas Ele tem preparado para eles. □

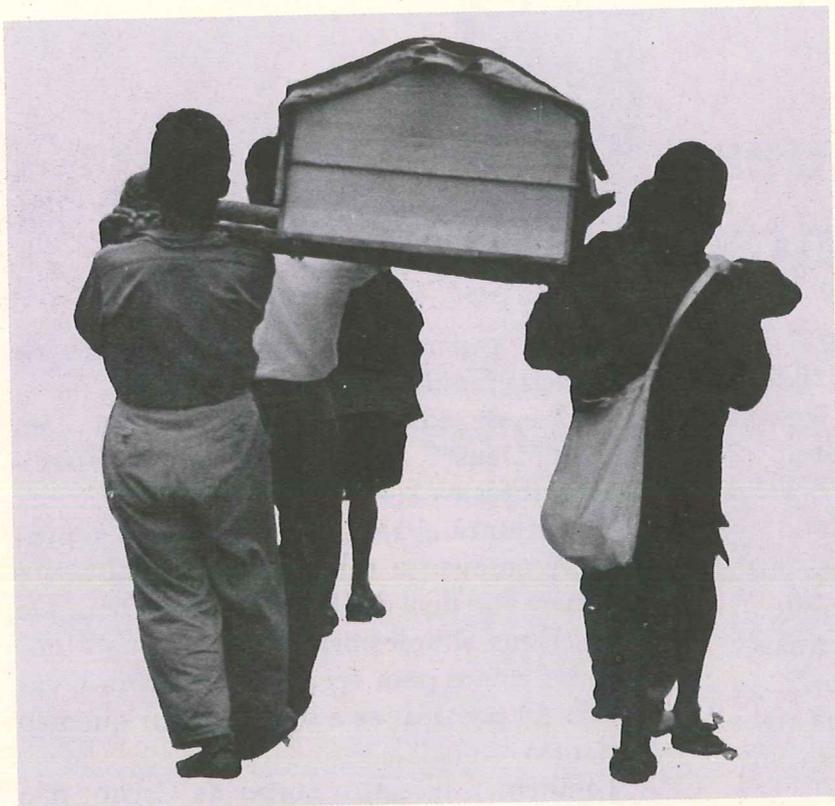
O ARAUTO DA SANTIDADE

H. T. REZA, Director Geral
JORGE DE BARROS, Director
M. ODETTE PINHEIRO, Redactora
DANIEL D. GOMES, Ilustrador e Revisor
ROLAND MILLER, Artista
CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES, Administradora

Volume VII 15 de Setembro de 1978 Número 18

O ARAUTO DA SANTIDADE é o órgão oficial da Igreja do Nazareno nos países onde se fala o português. É publicado quinzenalmente pela Junta Internacional de Publicações—Português—da Igreja do Nazareno e impresso pela Casa Nazarena de Publicações, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, E.U.A. Assinatura anual, U.S.\$2.00; número avulso, U.S.\$1.00. Favor dirigir toda a correspondência à Casa Nazarena de Publicações, P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141, E.U.A.

O ARAUTO DA SANTIDADE is published semi-monthly by the International Publications Board—Portuguese—of the Church of the Nazarene. Printed at the Nazarene Publishing House, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, U.S.A. Subscription price: \$2.00 a year in advance; single copy, 10 cents. Second-class postage paid at Kansas City, Missouri, 64141, U.S.A.



decisões eternas

—C. Neil Strait

Conta Bruce Larson que em certa ocasião foi convidado a pregar numa convenção de um determinado grupo religioso que escolheu como tema: "Fé em Acção". No auditório onde se reuniam, sobressaía um cartaz com os dizeres: "Bem-vindos, Fé em Acção".

Em frente do auditório, na tabuleta de um cinema, anunciava-se o filme "Inferno na Terra".

Eis duas opções para o homem: escolher entrar na vida de fé e viver segundo a vontade de Deus; ou viver egoisticamente e criar, assim, o seu próprio inferno na terra; e, o que é pior, perder-se para sempre.

Quando nos encontramos em situações decisivas na vida, pensamos seriamente no resultado da nossa escolha. A vida está cheia de tais opções: temos de escolher entre o bom e o melhor, entre o bem e o mal, entre o que dá paz e vida eterna, e o que produz incerteza e transforma a nossa existência num inferno.

O Senhor Jesus pode mudar o rumo da sua vida. Pode transformar o inferno da sua existência em algo que valha a pena—pode resolver os seus problemas e torná-lo útil em todos os sentidos. Veio à terra precisamente para isso: para nos dar vida e vida em abundância.

O Senhor está mais interessado no princípio de uma vida que no seu fim. As mudanças radicais são resultado dum novo princípio.

Preocupamo-nos, com frequência, em como terminaremos a vida e passaremos os últimos dias da nossa existência—preocupamo-nos antes com as mudanças e os novos princípios, especialmente se alicerçados na fé em Jesus Cristo. Deste modo o futuro está assegurado. □

frequente a igreja

Não espere até que o levem à igreja num caixão, porque então...

1. Irá apesar do tempo.
2. Irá, apesar dos sentimentos da família.
3. Irá, apesar das condições do seu corpo.
4. Terá muitas flores à volta, mas não poderá admirá-las.
5. Não apreciará o canto por mais harmonioso e belo que seja.
6. Já não poderá pôr em prática as palavras do pastor.
7. Irá até ao altar, mas já não poderá orar.
8. Estará necessitado, mas ninguém lhe poderá valer.
9. Nunca mais poderá assistir aos cultos na igreja.
10. Terá consigo familiares e amigos, mas já não poderá adorar a Deus com eles.
11. Irá, apesar dos hipócritas que (a seu juízo) há na igreja.
12. Irá, apesar de precisarem de si no lar e no emprego.

O pastor preferiria ajudá-lo hoje, a consolar os seus entes queridos, se você morrer afastado de Deus.

Frequente a igreja hoje mesmo, enquanto ainda tem tempo de fazer decisões. □

—The Log

PESO DA ALMA



—H. T. Reza

Em Dusseldorf, Alemanha, o médico sueco Nils Olof Jacobson declarou que "a alma pesa tão pouco, exactamente 21 gramas, que nem sequer nota que a morte a deixou órfã de corpo, porque o que morre é este e não a alma". Esta declaração encontra-se no livro recentemente publicado pelo cientista, "A Vida após a Morte", em que expressa claramente que depois da morte a vida se converte somente num sonho. O Dr. Jacobson afirmou ainda que, habituada ao seu alojamento corporal e repleta de imagens e ideias, a alma crê que continua sendo alguém que come, bebe, caminha, ama e guia o seu automóvel.

Para determinar o peso anímico, o médico sueco explica como observou a evolução de muitos moribundos estendidos em camas que eram, ao mesmo tempo, balanças de extraordinária precisão.

Durante as últimas horas de vida, há uma perda contínua de peso, devido a transpiração abundante: 20 gramas de suor por hora; todavia, quando ocorre o falecimento e a alma sai do corpo, a balança regista uma perda brusca de 21 gramas.

É difícil interpretarmos os conceitos do famoso médico sueco ao afirmar o peso da alma, pois todos reconhecemos que a alma não é material, não se pode ver, é intangível. Contudo, não é difícil aceitar esta teoria se considerarmos que os 21 gramas não passam de simples imaginação fru-

tífera de um cientista aventureiro.

No entanto, é mais digna de ser comentada a relação da alma com o corpo e, então, verificamos que a alma pesa; mas não por causa da matéria, antes pelos sentimentos de desilusão, tristeza, esperanças vãs e planos frustrados que dizem respeito, de uma forma ou de outra, à alma de todo o homem e mulher neste mundo.

Referimo-nos ao peso espiritual que é algo oneroso, fruto do pecado de Adão cuja influência nos segue durante a vida. Quem não compreende a dor de uma mãe que deixa o filho sepultado no cemitério? Quem não sofre perante a dor e a agonia dos seres humanos morrendo de fome e frio nas ruas de Calcutá, Índia, ou nas avenidas da cidade do México? Quem não sofre ante a luta contínua que existe em guerras

legais ou ilegais provocadas pela ambição ao dinheiro e monopólio económico? Quem não sofre por causa do problema interno do pecado que, como verme, se mantém latente no coração humano?

Há fardos que não se podem descarregar de qualquer modo, pois precisam da ajuda de Quem é poderoso e capaz. O peso do pecado só cessa com a ajuda de Cristo. O peso da alma só desaparece quando o homem chega voluntariamente a Deus e Lhe pede perdão.

O médico sueco tem razão em afirmar a leveza da alma e a grandeza do corpo, mas talvez ele próprio venha a aceitar que mais grandioso é o poder de Quem pode aliviar o peso da alma e dar vida eterna ao que morre em Cristo. □

ALABASTRO —MILAGRES NOS CAMPOS MISSIONÁRIOS

—Helen Temple



Ouve-se falar da Oferta de Alabastro duas vezes ao ano. Em Fevereiro e Setembro levam-se à igreja as Caixas de Alabastro e vai-se à frente entregar o seu conteúdo, ou coloca-se no prato da oferta. Talvez se esvazie dentro de outra Caixa de Alabastro maior ou numa igreja em miniatura.

Poderá ser que na sua igreja se faça de modo diferente. Talvez usem o sistema de Promessas de Fé ou algo parecido. Espero, contudo, que não tenham abandonado a abertura em público das Caixas de Alabastro. Dá significado à oferta e proporciona aos que não participam das Promessas de Fé uma oportunidade de contribuir.

Qualquer que seja o modo de dar a oferta, sabeis a que se destina? Sabeis o que tem feito e está fazendo?

A Oferta de Alabastro foi iniciada em 1949 pela Sociedade Missionária Nazarena Mundial, como uma maneira especial de o povo poder exprimir gratidão a Deus pelas Suas bênçãos. Foi proposta como o "perfume" de uma oferta de amor, à semelhança da Maria de outrora que trouxe um unguento precioso e o derramou sobre os pés de Jesus, para mostrar o seu amor.

"Oração e Abnegação" começou com o jejum de uma refeição para dar o seu custo às missões.

Durante os anos de depressão, foi uma maneira de os nazarenos poderem dar para a obra missionária.

Alabastro, por outro lado, é dinheiro de "perfume"—privar-se de algo que se deseja, como perfume, que não é necessário para viver, mas que se gostaria muito de ter. Em vez disso, por amor e gratidão a Deus, dispensa-se tal coisa e coloca-se o preço na Caixa de Alabastro.

O dinheiro de Alabastro é economizado durante as semanas e meses que decorrem entre as aberturas. Muitas pessoas colocam lá os seus trocos no fim de cada semana. Outras caminham para o trabalho e poupam o dinheiro do transporte. Há quem deixe de comprar uma blusa nova ou uma gravata. Também há quem coloque na caixa uma oferta para exprimir gratidão a Deus por alguma bênção especial. Alguns reservam o dinheiro da venda do trigo de um terreno, do leite de uma vaca ou dos ovos de uma galinha que tenham sido dedicados a Deus.

A que se destina o dinheiro de Alabastro?

Cada centavo vai para compras de terrenos e construções nos campos missionários. Tem proporcionado terrenos para edificar igrejas; construído casas pastorais, residências missionárias, dis-

pensários, escolas bíblicas, hospitais, etc. Tem levantado em todo o mundo igrejas de tijolos e blocos de cimento, substituindo as antigas construções de barro que precisavam de ser reconstruídas de vez em quando.

Alabastro tem dado permanência à igreja noutros países. Muitas vezes as pessoas vêm às nossas igrejas depois de a Oferta de Alabastro levantar prédios atraentes. E dizem: "Pensávamos que fossem um daqueles grupos que vêm por alguns anos e, depois, partem. Mas quando vimos construir este belo edifício, reconhecemos que estavam para ficar e decidimos vir".

Alabastro possibilitou que a Igreja do Nazareno começasse trabalho em novas cidades onde são tão exigentes as leis de construção que os crentes locais nunca poderiam conseguir o dinheiro para um templo; e onde as propriedades arrendadas escasseiam, ou o preço do aluguel é excessivo. Em geral, essas igrejas da cidade tornam-se em poucos anos auto-sustentadas.

Alabastro! É um nome estimado em todos os campos missionários nazarenos. Escrevem-nos de alguns: "Vós nunca sabereis o que o dinheiro de Alabastro significa para o nosso trabalho. Tem mudado a aparência total e a reputação da igreja neste país. Ago-



ra o povo olha para as nossas igrejas com respeito. Vem e ouve a nossa mensagem, porque os nossos prédios dizem que somos um grupo responsável e de confiança”.

Uma das vantagens da Oferta de Alabastro é que todos podem participar. Não importa o pouco ou muito que se tenha na caixa. Ela é nossa. Está selada e pronta para receber tudo quanto nela se deposite. Ninguém sabe quanto uma pessoa dá. A dádiva é feita como uma oferta de amor a Deus, agradecendo-Lhe as Suas bênçãos.

Porém, a sua influência estende-se à volta do mundo. As pessoas nos distritos que construíram igrejas com fundos de Alabastro estão dando as suas ofertas para ajudar construções noutras lugares.

Alabastro é participação dos nazarenos do mundo inteiro.

Eu desejaria que pudessem ver todos os prédios construídos à volta do mundo pelas Ofertas de Alabastro: um total de 14 702 000 dólares. Mas as necessidades são hoje maiores do que quando começamos, pois a Igreja do Nazareno continua a crescer e a atingir cada vez mais países.

Agora sabemos quanto a Oferta de Alabastro é necessária—em cada Fevereiro e cada Setembro. □

a morte transforma-se em vida

—James Hamilton*

foto por Daniel D. Come

O assunto da morte está a ganhar acuidade nos nossos dias. Em anos recentes tem existido um interesse crescente sobre o tema que, durante muito tempo, fora negado ou ignorado. A tanatologia (estudo da morte) está agora sendo tratada em muitos lugares, tanto por leigos como por profissionais: em colégios, universidades, hospitais, agências de serviço social, convenções e seminários.

Visto superficialmente, isto indicaria que estamos chegando a um conceito mais realista da morte. É verdade, mas não tanto como parece.

Sem dúvida que os profissionais, bem como os leigos, estão a ganhar uma melhor compreensão das implicações psicológicas da morte e da perda de algum parente. Devido ao trabalho em profundidade de peritos no assunto, tem-se chegado a compreender as experiências traumáticas por que passam os que morrem e aqueles que lhes são queridos.

Tudo isto é, a meu ver, um bom sinal. Este avivamento do interesse pela morte força-nos a considerar um tema que muitos de nós temos cuidadosamente evitado. Para muitas pessoas o único modo de lidar com a morte é através do humorismo. Basta lembrar o grande número de anedotas sobre cangalheiros, cemitérios e funerais, para verificar que tem sido um modo covarde de tratar a certeza terrível que nos encara de frente.

Apesar de todo o interesse académico sobre o assunto, estamos ainda presos a grande temor relacionado com a nossa própria morte. Uma das principais autoridades em tanatologia sugeriu que vivemos no que ela chama uma “cultura de negação e de desafio da morte”. O que se vê claramente nos termos que usamos para nos referirmos a ela, tais como “partiu”, “deixou-nos”, e “afastou-se de nós”. E também “câmara ardente”, “casa funerária” e “cidade do silêncio”.

Temos dado passos largos em aceitar a morte académica e objectivamente. Isso é bom. O que, agora, precisamos de fazer, é aprender como a tratar subjectivamente. Cada um de nós precisa de aprender a aceitar o facto de que, para si também, a morte é uma certeza.

Existe um modo cristão de encarar a morte. O Novo Testamento entende-a como algo transitório e não definitivo. Isto fundamenta-se no tema bíblico da ressurreição focado e dramatizado no ressurgimento do Senhor Jesus pelo poder de Deus Todo-Poderoso. Semelhante discernimento capacitou o apóstolo Paulo a encarar directamente a morte e a declarar: “Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Onde está, ó inferno, a tua vitória?” (I Coríntios 15:55).

Louvado seja Deus, podemos fazer o mesmo! Este é o modo cristão de encarar a morte. □

*Professor do Seminário Teológico Nazareno em Kansas City.

O ÚLTIMO INIMIGO

—C. D. Hansen

Começamos a morrer desde que nascemos. Com efeito, o homem nasce para morrer. O Pregador observou: "Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu: Há tempo de nascer, e tempo de morrer; tempo de plantar, e tempo de arrancar o que se plantou" (Eclesiastes 3:1-2).

Desde 1974 se têm escrito muitos livros acerca do último inimigo do homem. Pessoas de todas as camadas sociais procuram compreender e tratar de modo especial um tema que a maioria tenta evitar.

Apesar de ninguém gostar de pensar na sua própria morte, todos estamos conscientes de que, cedo ou tarde, chegará a nossa vez. O homem pretende ignorá-la e, assim, escapar-lhe, recusando enfrentar a realidade. Há algo dentro de nós que aconselha: "Não penses nisso". Contudo, ela não pode ser eliminada da consciência. Sempre nos acompanhará durante toda a vida.

Fala-se metaforicamente da morte. Não se diz: "Ele morreu", mas: "Deixou-nos"; ou: "Foi receber a sua coroa eterna". Em certos países é quase antipatriótico usar a palavra "morrer".

Alguém afirmou: "A nossa sociedade refere-se à morte como coisa proibida; procura escondê-la atrás das paredes esterilizadas dos hospitais e dos cosméticos das casas funerárias".

O Dr. Hannelore Wass, educador alemão e professor de psicologia da Universidade da Flórida, declarou: "Algumas pessoas crêem que é obsceno falar da morte, mas é uma realidade da vida que não se evita por deixar de falar nela".

Claro que não falamos dela porque ninguém sabe o que há atrás desse vale, e todos, por instinto, tememos o desconhecido.

Ninguém pode duvidar da realidade da morte. Ao passar por um cemitério confirmamos esta

verdade. As necrologias dos jornais mostram que diariamente morrem pessoas. E quem já tenha assistido a um funeral, aceita sem dificuldade a realidade da morte. Ver é crer.

Mas, por que morrem as pessoas? É a morte algo impessoal? É o fim da vida? São estas algumas das perguntas que surgem no mais secreto da nossa consciência. Devemos respondê-las com honestidade.

Em primeiro lugar, a morte está à espera do homem desde o nascimento. Paulo disse: "Pelo que, como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim, também, a morte passou a todos os homens, por isso que todos pecaram" (Romanos 5:12).

As pessoas morrem como resultado do pecado. Podemos perguntar-nos que aconteceria se os nossos primeiros pais não tivessem pecado contra Deus, mas isso não nos libertará do inimigo. Temos de reconhecer que o pecado é a causa da morte e compreender que, cedo ou tarde, todos a vamos encarar.

Em segundo lugar, uma vez que a morte é o resultado do pecado do homem, também é universal. O escritor aos Hebreus disse: "E, como aos homens está ordenado morrerem uma vez, vindo, depois disso, o juízo . . ." (Hebreus 9:27). Não se trata da segunda morte que espera o perverso, mas a morte física, a separação temporal da alma do corpo. O próprio Jesus morreu em forma humana. Ninguém possui um contrato que lhe assegure vida física eternamente.

Daví perguntou: "Que homem há que viva e não veja a morte?" (Salmo 89:48). A resposta é óbvia: —Nenhum.

Alguém disse e bem: "Na democracia da morte todos os homens são iguais. O pobre é tão rico como o mais rico, e o rico é tão pobre como o mais indigente.

O credor perde o seu lucro, e o que deve fica livre da sua dívida. O orgulhoso humilha-se, o político cede as suas honras, o homem mundano os seus prazeres, o inválido já não precisa de médico e o operário descansa das suas fadigas. Os erros são corrigidos, a injustiça é eliminada e a ironia da sorte é refutada".

Em terceiro lugar, a morte é um acontecimento pessoal. Representa solidão. Ninguém pode morrer por nós: temos de a enfrentar sozinhos. Não há peritos à hora da morte. Apenas uma Pessoa regressou para nos dar esperança de vida eterna. Tudo que podemos fazer é observar como os outros morrem.

Não há duas pessoas que enfrentem a morte da mesma maneira. Para algumas é uma bênção, e dão-lhe as boas-vindas. Para outras é um inimigo terrível. Umam riem e outras choram. Há quem a negue e quem a aceite.

Há pouco tempo apareceu numa conhecida revista um artigo escrito por um menino de 13 anos que morreria em breve com leucemia. Incluía a seguinte carta dirigida aos médicos e enfermeiras que o tratavam:

"Estou às portas da morte . . . Ninguém quer falar dela. Ninguém quer falar de nada . . .

"Sou eu que estou morrendo. Sei que se sentem inseguros, sem saber que dizer ou que fazer. Mas, por favor, acreditem-me, se realmente me amam, não me podem prejudicar.

"Somente admitam que se interessam por mim. É tudo que vos peço.

"Todos perguntamos porquê e para quê, mas, verdadeiramente, não queremos resposta.

"Não fujam de mim. Esperem. O que eu quero saber é que haverá alguém que me aperte a mão quando eu precisar.

"Tenho medo . . . Nunca morri antes . . ."

A morte não é o fim da nossa

Na vida só podemos estar certos de uma coisa: a morte.

existência. Já fez a mesma pergunta que os homens de todas as eras: "Morrendo o homem, porventura tornará a viver?" (Jó 14:14).

Para os incrédulos a morte é um vazio. Não tem significado. Infunde terror. Até os ateus reconhecidos exprimem o seu receio e retractam a sua incredulidade em Deus quando encaram a morte. Reconhecem que viverão para sempre atormentados nas chamas do inferno, e que viveram como inimigos de Deus.

Porém, o cristão conhece o verdadeiro significado da morte. Sabe que Cristo morreu e ressuscitou, afastando para sempre o aguilhão da morte. Além disso, crê que, tendo Cristo ressuscitado, ele também ressuscitará. A última palavra no seu vocabulário não é morte, mas ressurreição. A sua esperança está baseada na promessa: "Porque se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também, aos que em Jesus dormem, Deus os tornará a trazer com ele" (I Tessalonicenses 4:14).

A vida tem duas fronteiras: nascimento e morte. O tempo que decorre entre as duas é de pouca duração, mesmo para os que vivem muitos anos. Não podemos escolher como nascer, mas podemos e devemos preparar-nos para morrer. Ao fazê-lo, estamos a preparar-nos para viver não só na terra, mas também no céu, na vida do além-túmulo.

Para o cristão, a morte não é uma desgraça fatal. É verdade que marca o fim da vida terrena, mas também o começo da vida eterna com Cristo.

Paulo disse: "Desejamos, antes, deixar este corpo, para habitar com o Senhor" (II Coríntios 5:8).

O cristão sabe que para ele a morte ocorre uma única vez. Reconhece que a imortalidade lhe pertence e que a morte cede perante a sua vitória final. O seu último inimigo foi conquistado. □

bem-vindo ao lar

—C. T. Corbett

Aconteceu no ano de 1912. Um grande transatlântico proveniente de África, aproximava-se do porto de Nova Iorque. A lista dos passageiros era comprida e impressionante. Entre os nomes encontrava-se o de Theodore Roosevelt, antigo presidente dos Estados Unidos. Tinha estado em África num "safari" e ele e os acompanhantes traziam troféus em abundância.

Também se encontrava, entre os passageiros, um missionário. Gastara muitos anos no continente africano e regressava ao lar para se aposentar. Trabalhara em muitos lugares remotos, encaminhando almas para Jesus Cristo.

Ao chegar ao porto, o antigo presidente foi a primeira pessoa a descer. Uma grande multidão entusiasmada saudou-o e aos companheiros, uma banda de música tocou e bandeiras tremularam ao vento. Foi um momento emocionante para Roosevelt, ao ser carinhosamente recebido no seu regresso.

O missionário foi o último passageiro a deixar o barco. Não houve música nem multidões a recebê-lo. Na verdade, ninguém lhe deu as boas-vindas ao voltar à sua terra natal. Depois de ter encontrado um pequeno quarto num hotel, o missionário ponderou acerca da diferença de recepção. Uma voz muito suave sugeriu-lhe: "Roosevelt está em casa, mas tu ainda não; quando chegares, haverá uma recepção formidável—lá em cima".

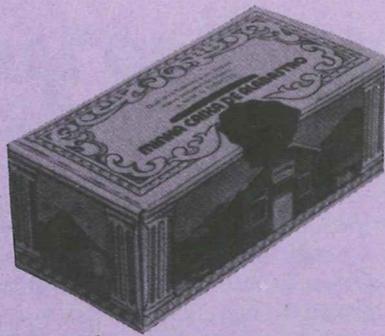
Penso que no céu o comité de boas-vindas deve ser dos mais activos. Não sou categórico, mas imagino Abraão e Moisés dando as boas-vindas aos fiéis da sua geração, e Davi tocando harpa, acolhendo os cantores e músicos de Israel. Em tempos posteriores imagino o apóstolo Pedro dando as boas-vindas aos convertidos do dia de Pentecostes, e Paulo saudando os pioneiros do primeiro século. Na nossa era, Bud Robinson deve ter encontrado um lugar perto da porta do céu, na comissão de boas-vindas aos convertidos das reuniões de avivamento que alegraram o seu ministério durante meio século.

As primeiras impressões têm uma linguagem muito própria; assim, ao entrar qualquer porta, seja de casa, igreja ou escritório, a nossa sensibilidade acusa, imediatamente, o calor ou frieza da recepção. Sabemos logo se a nossa presença é desejada ou acolhida com indiferença. Que alegria traz ao coração humano sentir-se desejado, perceber na manifestação de boas-vindas que alguém está esperando com antecipação para abrir a porta e apresentar cumprimentos calorosos!

Ser bem-vindo ao lar dos entes queridos aviva as emoções da alma. O céu é o nosso lar; estamos empenhados em cumprir a nossa tarefa como bons administradores, enquanto dura a nossa breve peregrinação; mas sentimo-nos especialmente interessados no lar celestial. Na verdade, até as pessoas que não gozam de comunhão com Cristo estão interessadas no céu.

O convite a essa pátria está assegurado: tudo foi providenciado. No Calvário, por preço elevado, Jesus preparou o modo de tornar possível a nossa entrada pelas portas de pérolas; o poder salvífico e santificador é nosso por intermédio do Espírito Santo. Cristo, o melhor Amigo, estará presente para nos cumprimentar e dar as boas-vindas ao lar, se tivermos aproveitado da grande dádiva que nos ofereceu.

Peregrino cansado, onde quer que se encontre sobre a terra, as boas-vindas ainda não chegaram! Será maravilhoso ser recebido por Jesus e ouvi-LO dizer: "Bem está, bom e fiel servo. Sobre o pouco foste fiel, sobre muito te colocarei; entra no gozo do teu Senhor" (Mateus 25:23). □



BALSAMO

—Acácio Pereira

“Aproximou-se dele [Jesus] uma mulher, trazendo um vaso de alabastro cheio de precioso bálsamo, que lhe derramou sobre a cabeça” (Mateus 26:7). Há edições que traduzem bálsamo por “unguento de grande valor”. Mas os termos designam a mesma substância aromática para uso externo.

Mateus apresenta nesta passagem uma mulher procurando fazer o melhor pelo Mestre, sem a compreensão dos circunstantes: “Por que é este desperdício?” (26:8). É o que acontece, muitas vezes, conosco no dia a dia, mesmo quando procedemos com recta intenção. Neste caso faltou da parte dos discípulos visão e consagração. Ainda não tinham passado pelo Pentecostes transformador. Nunca é em vão que alguém é perdoado, salvo e santificado. A partir daí, envereda por novos caminhos.

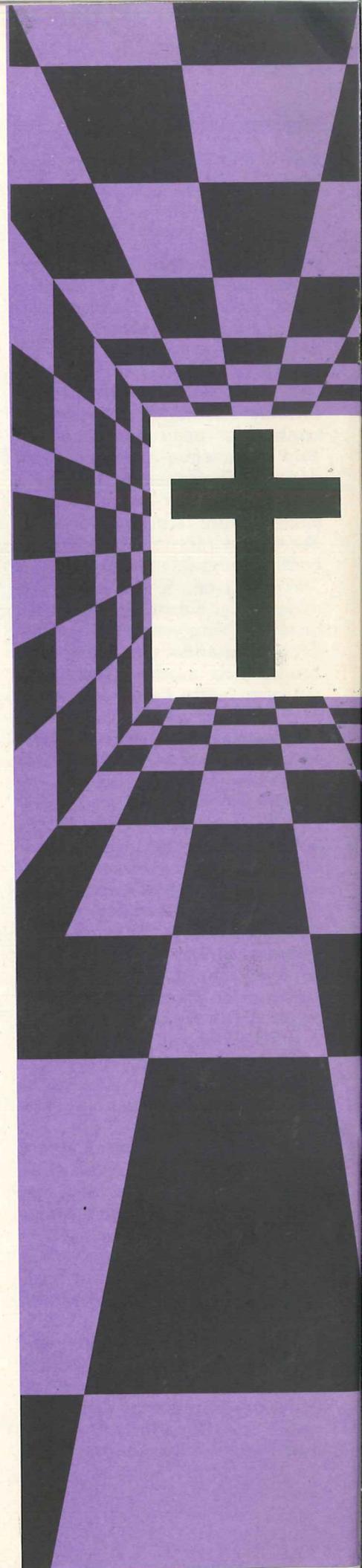
O processo de crescimento na graça e, conseqüentemente, da vida de santidade, é semelhante à travessia do deserto até Canaã. Alguns israelitas sucumbiram desanimados, outros pretenderam regressar às cebolas do Egito. Houve quem quisesse avançar em saltos arriscados, atirando-se fora de tempo contra os gigantes de além Jordão. Nem faltaram os murmuradores contra Deus e Moisés. Porém, não era esse o plano de Deus para o Seu povo, como não o é para a nossa vida de santidade. Não se trata, apenas,

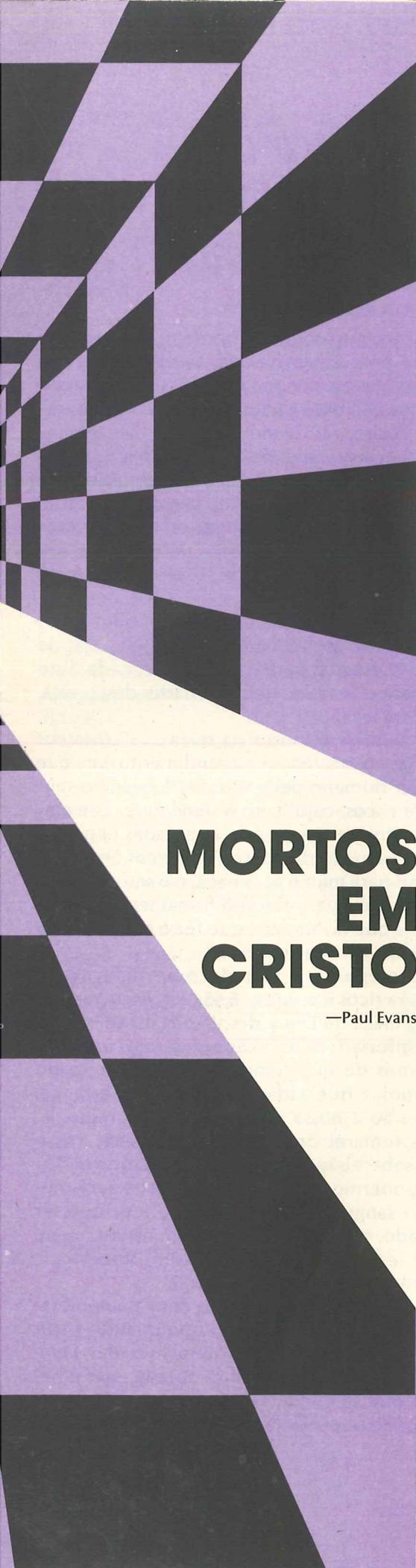
de atravessar o Jordão no meio de aleluias momentâneas. É mister prosseguir dia a dia, palmo a palmo, momento a momento, na conquista da terra prometida. O sofrimento, o cansaço, a fome e a sede são conseqüências inevitáveis do deserto da vida. No entanto, não desanimemos, pois o maná do céu virá a seu tempo. Então “Deus limpará dos nossos olhos toda a lágrima” (Apocalipse 7:17).

A nova vida em Cristo Jesus vem depois da consagração. O crente fica apto para aceitar sem reservas a vontade de Deus. E ela estende-se a tudo que somos e temos. Aliás, como disse Lutero: “Todo o homem precisa de duas conversões: a do seu coração e a da sua carteira”. Deus recompensará na medida da qualidade e não da quantidade da nossa devoção. O cerne da mordomia cristã encontra-se na consagração total. Deus não olha a quanto dinheiro se ganha, mas em como se gasta. Os homens interessam-se demasiado com o dinheiro; Deus, porém, examina o coração.

Dáí, a oferta da pobre viúva valer tanto aos olhos de Jesus! O mesmo quanto à senhora do vaso de alabastro “cheio de precioso bálsamo”. “E, sobre tudo isto”, aconselhou Paulo, “ revesti-vos de amor, que é o vínculo da perfeição” (Colossenses 3:14). E a natureza do amor é dar. Dar para além das tabelas estabelecidas pelos homens. Dar-se a si próprio. Assim, após a consagração, deixa de haver empenos em abrir a algi-beira. Já tudo pertence ao Mestre. “Não há mordomia por procuração; devemos estar implicados nela pessoal e totalmente” (Dr. Samuel Young).

Maria, perdoada e consagrada, saturou o ambiente com o perfume do unguento de nardo puro. Tu e eu também podemos e devemos encher o mundo com o bálsamo maravilhoso da salvação que há em Cristo Jesus. □





MORTOS EM CRISTO

—Paul Evans

Diariamente em todo o mundo há milhões de pessoas que experimentam a dor que se sente quando morre um ente querido ou um amigo.

Provavelmente você também já sentiu essa angústia que aflige o coração humano, por lhe ter morrido a mãe, o pai, um irmão ou irmã.

Talvez tenha passado recentemente por alguma dessas perdas. É possível que o tempo ainda não tenha sanado as feridas. Se se sente só e triste, pensando que nunca mais será feliz, pode encontrar consolação na verdade eterna da Palavra de Deus.

Imagine o seguinte:

Uma manhã sai a dar uma volta a pé. Encontra um regato com alguma água. Passa ao seu lado, mas não lhe presta muita atenção.

Dias depois segue pelo mesmo caminho, mas o regato já não tem água.

Que aconteceu ao precioso líquido? Foi à terra que o absorveu.

Será esse o fim da água? Não. Com os seus raios poderosos, o sol transforma-a em vapor. Ninguém a viu evaporar-se, mas desapareceu.

Poderá você tornar a vê-la?

Sim. No dia seguinte, quando sai, verifica que algumas gotas de chuva lhe caem sobre a cabeça. Ao vê-las brilhar perguntará: Serão estas as mesmas gotas que há dias se encontravam no ribeiro? Sim, é possível, pois basicamente é a mesma água. Que acontecera? Simplesmente se transformaram.

Há uma lei em ciências físicas que diz que no universo nada se destrói. Apenas há mudança da matéria de uma forma a outra.

A "aniquilação" não existe. Do mesmo modo, regozije-se na certeza de que o seu ente querido ou amigo, que morreu em Cristo, não está "morto" no sentido de que esse é o fim da sua existência. Algum dia ressuscitará com um corpo imortal (I Coríntios 15:51-55).

Também encontrará conforto em I Tessalonicenses. Ao escrever esta epístola, Paulo tinha como propósito corrigir a falsa doutrina em voga naquele tempo, que os cristãos perderiam algo maravilhoso se não estivessem vivos na segunda vinda de Cristo. Disse: "Nós, os que ficarmos vivos, para a vinda do Senhor, não precederemos os que dormem . . . os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles, nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor" (I Tessalonicenses 4:15-17).

Sim, amigo leitor, há consolação para si na gloriosa esperança da vinda de Cristo. A separação agora experimentada não é para sempre. Em breve, nos reuniremos novamente no dia alegre em que os remidos receberão o Senhor nos ares.

A frase "para receber o Senhor" significa, literalmente, para nos reunirmos com o Senhor. A palavra grega correspondente era usada em ligação com a visita de um rei ou governador a certa cidade. Naqueles dias o povo saía ao encontro dessa personagem ilustre e a acompanhava através da cidade até ao palácio real. Era algo parecido às escoltas motorizadas que cercam os dignitários em visitas oficiais a grandes cidades ou países.

Pode você imaginar a alegria, emoção e felicidade que sentirá nesse dia? E o que experimentará o seu ente querido—de que se separara por pouco tempo? Que alegre reunião teremos todos, quando nos juntarmos para receber o Senhor nos ares! □

um empreendimento lucrativo

—Maria das Dores Souza*

É interessante como o homem, na sua luta constante pela sobrevivência, torna-se cada vez mais exigente e preocupado em acumular aquilo que ele mesmo convencionou chamar valores essenciais. Assim, vai vivendo todos os dias tentando satisfazer a sua vaidade—o que implica por vezes mudar da sua casa simples no subúrbio para um bonito apartamento em bairro sofisticado, trocar de automóvel todos os anos, comprar casa na praia e, também, no campo, possuir até o seu próprio táxi aéreo, visto que já temos consórcio de aviões.

E assim o homem se escraviza a todos esses bens materiais, esquecendo-se de que apesar de todo o seu esforço para os conseguir, nada disto lhe pertence; e que, quando partir desta vida, não poderá levar bagagem.

“Não ajunteis tesouros na terra . . .” (Mateus 6:19). Mas existe um empreendimento em que todo o ser humano deve investir; é negócio sensato, sem riscos, cujo lucro é sem limite. Este empreendimento corresponde a moradas construídas sem distinção de classe sócio-econômica ou racial. São para mim e para você, e o seu arquiteto é o mesmo que formou o firmamento e todas as estrelas que lá cintilam, que fez o mar e tudo o que nele há. Chama-se Deus.

Para conseguir essa morada, o preço a pagar é único, para ricos e pobres. É só crer, entregarmos-nos nas mãos de Deus, despir-nos do velho homem, confessarmos os nossos pecados, conscientizarmos-nos de que somos pó e que para o pó tornaremos, e que nada que temos nos pertence, nem mesmo a nossa vida; então, a promessa é: “Eu vos tomarei por meu povo, e serei vosso Deus; e sabereis que sou o Senhor” (Êxodo 6:7).

Para podermos gozar da delícia que será morar ali, o sangue precioso do Justo teve que ser derramado, quando O penduraram na cruz—Seu nome é Jesus. Foi Ele Quem disse: “Vou para o Pai preparar-vos lugar” (João 14:2).

Você que se preocupa tanto com a sua morada material, tem-se lembrado que quando partir desta vida vai precisar de outra morada? Lembre-se, Jesus foi preparar-lhe morada, mas é necessário que se encontre primeiro com Ele aqui, para que Ele o receba lá, quando chegar. □

*Santo André, Brasil

o dia começa com luz

—Adolfo Robleto

Chamamos dia ao tempo em que dura a claridade do sol sobre um dos hemisférios da terra. No outro, onde a luz do sol não chega, é noite.

O fenómeno da sucessão dos dias é muito interessante. À medida que o planeta Terra vai girando sobre si mesmo, está sempre a anoitecer em certas regiões e a amanhecer noutras.

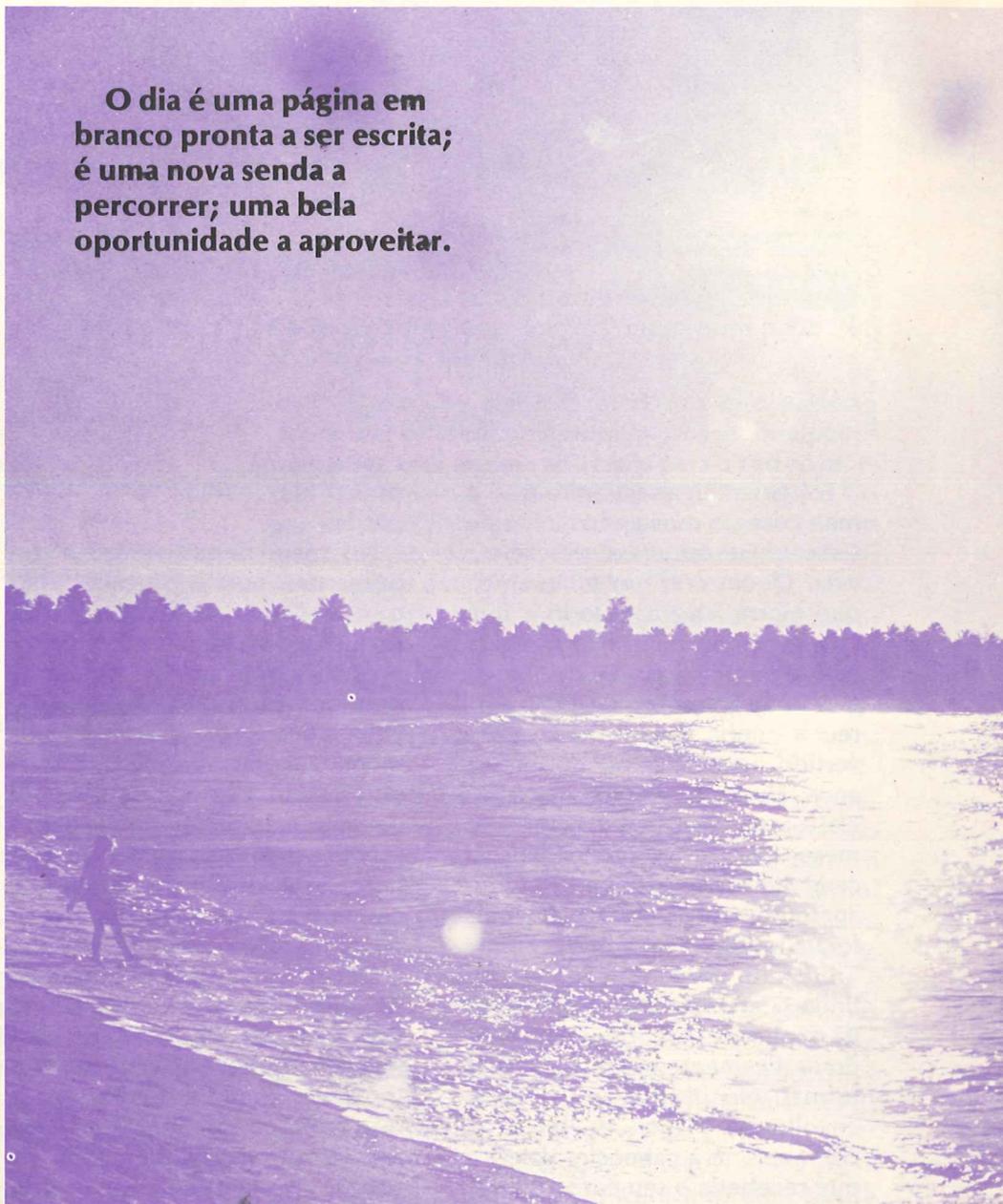
Depois de trevas da noite terem coberto o hemisfério em que vivemos, a luz suave da aurora começa a estender seus raios para anunciar um novo dia alegre e radiante.

Sem produzir o mais leve ruído, o gigante sol começa a espargir luz e calor. Então os campos mostram o seu manto verde a luzir e uma policromia resplandescente embeleza toda a face da terra. Os seres humanos despertam do sono nocturno e principiam os seus afazeres diários.

Sim, o dia começa com luz, como para nos ensinar que também nós devemos começar com luz na mente e no coração, isto é, com alegria e optimismo.

Jesus disse: "Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andar-á em trevas, mas terá a luz da vida" (João 8:12). Ele mostra-nos o caminho recto e útil por onde

O dia é uma página em branco pronta a ser escrita; é uma nova senda a percorrer; uma bela oportunidade a aproveitar.



devemos transitar.

O dia é uma página em branco pronta a ser escrita; é uma nova senda a percorrer; uma bela

oportunidade a aproveitar. O Criador no-lo entrega repleto de luz, cheio do amor de Jesus Cristo. □



Deseja receber **O ARAUTO DA SANTIDADE?**

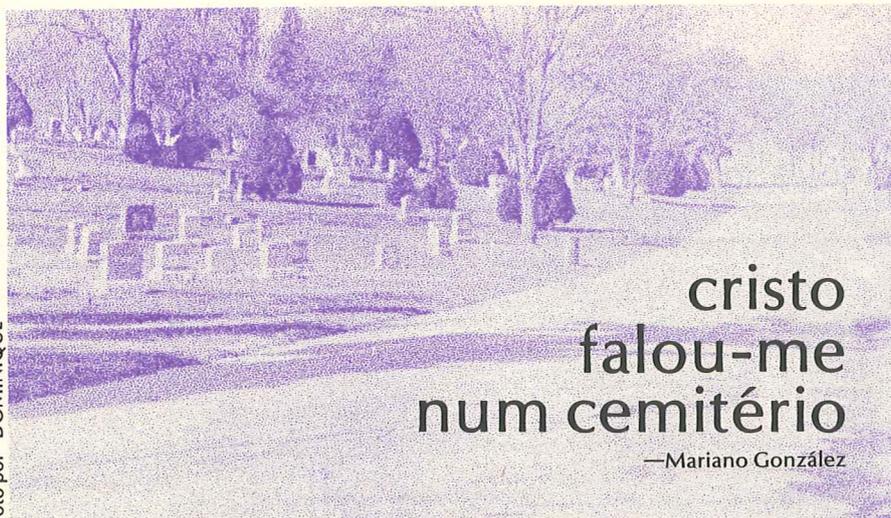
Faça **HOJE** a sua assinatura! Se é assinante e mudou de residência, dê-nos o

Endereço antigo

NOVO ENDEREÇO

Nome _____

Endereço _____



cristo falou-me num cemitério

—Mariano González

Foi nesse lugar estranho que o meu coração ouviu as palavras de Cristo: "Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crer em mim, ainda que morra, viverá; e todo o que vive e crê em mim, não morrerá eternamente" (João 11:25-26).

A 21 de Setembro de 1949 morreu a minha avó. Tinha-se convertido ao evangelho há muitos anos. Durante a nossa meninice ela esforçara-se por que eu e os meus irmãos aprendêssemos o caminho para o céu. Contudo, aparentemente os seus esforços foram inúteis.

Quando dormiu no Senhor, eu tinha 17 anos de idade. Nessa fase da minha vida já conhecia o pecado praticamente em todas as suas formas. No dia do seu funeral, envolto na mágoa da saudade, coloquei-me à cabeceira da cova que receberia o seu corpo e o reteria até à ressurreição. Eu não podia compreender porque me roubavam a minha querida avó, que me servira de mãe, quando criança. Existia sofrimento no meu coração; talvez também um

pouco de rebeldia pela minha perda.

No meio destas emoções deprimentes, ouvi o pregador citar o que Cristo dissera há vários séculos a uma família cujos membros choravam a morte dum ente querido: Lázaro de Betânia. De volta a casa, passavam-me pela mente as palavras de Jesus a Marta: "Eu sou a ressurreição e a vida". Os meus lábios começaram a repetir inconscientemente esta frase, exteriorizando a ideia que começava a tomar forma dentro de mim.

Decidi investigar acerca do significado de tais palavras. Dirigi-me à igreja evangélica que a minha avó frequentara durante muitos anos. Procurava satisfazer a tremenda curiosidade que a expressão despertava em mim. Na segunda visita que fiz a essa igreja, o mesmo pastor que presidira ao funeral pregou sobre o pecado como merecendo o castigo mais severo. Mencionou a provisão de Deus em Jesus Cristo, quando morreu pela humanidade. Disse

que era necessário aceitar Cristo para entrar como filhos na família de Deus.

Uma coluna da igreja é testemunha de quantas vezes escondi o rosto, envergonhado, à medida que o pregador ia expondo a minha vida pecaminosa, como se a conhecesse pormenorizadamente. Ao terminar, a congregação cantou um hino de apelo.

O Espírito Santo, tendo-me convencido do pecado, da justiça e do juízo, guiou-me até Cristo para que me purificasse no Seu sangue.

Nesse instante começou novo rumo para o barco da minha vida. Antes navegava à deriva, agora seguia o caminho certo para o porto da salvação. Eu tinha paz, alegria e satisfação. O mundo com as suas atracções, prazeres e pecados já não me atraía. Cumprira-se em mim a verdade de II Coríntios 5:17—"E assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura; as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas".

Amigo leitor, permita-me que apele para o seu senso comum. Contemple a vida passada. Medite sobre as seguintes perguntas: Por que vivemos? Onde viemos? Para onde vamos? Sócrates disse, há séculos, que "a vida que não se examina, não é digna de ser vivida". Convém examinar-se, agora, enquanto vive, porque depois será tarde demais.

Jesus disse: "Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra [fisicamente], viverá [espiritualmente]; e todo o que vive [fisicamente] e crê em mim, não morrerá" [espiritualmente]. Crês isto de todo o coração? □



Recorte e envie este cupão à CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES. Nos E.U.A., P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141. No BRASIL, C.P. 1008, 13.100—Campinas, SP. Em CABO VERDE, C.P. 60, Mindelo, São Vicente. Em PORTUGAL, R. Castilho, 209, 5° E., Lisboa-1.

Para uma assinatura, envie a importância de US\$2.00 (ou o equivalente na moeda dos países de expressão portuguesa) para qualquer dos endereços acima indicados.



PERDÃO E OREÇÃO

✓—Quando Paulo menciona as obras da carne em Gálatas 5:19-21 diz que os que são culpados de tais coisas não herdarão o reino de Deus. É como se estes pecados não pudessem ser perdoados. Podia-me explicar isto?

Gálatas 5:21 não diz que os que fizeram tais coisas não herdarão o reino, mas: “Os que cometem tais coisas não herdarão o reino de Deus”.

O perdão apaga o passado, mesmo que os pecados cometidos sejam como a escarlata (Isaías 1:18). Paulo afirmou de si mesmo: “Cristo Jesus veio ao mundo, para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal” (I Timóteo 1:15). O principal já se converteu, por isso há esperança para todos nós. Além do perdão existe o milagre do novo nascimento. Somos “novas criaturas em Cristo”. Como resultado, não continuamos a fazer as obras da carne descritas em Gálatas 5:19-21. “Qualquer que é nascido de Deus não vive na prática de pecado” (I João 3:9).

✓—Tivemos uma discussão sobre a cura divina. Alguns diziam que nunca devíamos orar pela cura específica, e devíamos terminar a oração com as palavras “Se é da Tua vontade, Senhor”. Não há qualquer lugar na Bíblia que nos diga que devemos orar assim. É claro que sabemos que nem todas as pessoas são curadas. Por outro lado alguns são curados mesmo sem orarem neste sentido. Como devemos orar pela cura?

Ore para que Deus cure “de acordo com a Sua divina vontade”.

Há mais do que uma diferença de palavras entre “se é da tua vontade” e “de acordo com a tua vontade”. A última parte mostra a convicção de que Deus deseja a saúde. Coloca o propósito da oração dentro do tempo e dos meios que o Senhor escolher para cumprir a Sua vontade, o Seu propósito.

É verdade que nenhum cristão verdadeiro desejaria nada contra a vontade de Deus. Parte do nosso problema é que nem sempre podemos discernir a aplicação específica da Sua vontade às circunstâncias da nossa vida.

Provavelmente foi esta razão que levou Tiago a instruir o doente a que “chame os presbíteros da igreja, e orem sobre ele, ungindo-o com azeite em nome do Senhor” (5:14).

Devemos orar pelo enfermo. Então, verificar-se-á o dom de cura—que está dentro da disposição soberana do Espírito Santo (I Coríntios 12:7-11)—e

“a oração da fé salvará o doente, e o Senhor o levantará” (Tiago 5:15).

A fé que agrada a Deus é aquela que espera, mas que não é intransigente. É sempre bom pedir “de acordo com a Sua vontade”.

✓—Quais são algumas escrituras que poderão convencer os meus amigos religiosos de que podemos saber aqui mesmo se iremos para o céu ao morrer? Preocupa-me ouvir-lhes dizer: “Ninguém é capaz de saber para onde irá depois da morte”. Creio que a sua interpretação das Escrituras depende muito do ensino que têm recebido.

Algumas Escrituras infalíveis e que não se podem contradizer são: João 3:15-17; 10:27-29; 14:1-6; Romanos 8:15-17, 37-39; I Coríntios 2:12; II Coríntios 5:1-8; I Tessalonicenses 5:9-10; II Timóteo 1:12; Filipenses 1:21-24; I João 3:2, 19-24; 4:13; 5:2-3, 10-14.

Realmente o Evangelho de João foi escrito especificamente “para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome” (20:31); e a Primeira Carta de João foi “para que saibais que tendes a vida eterna, e para que creiais no nome do Filho de Deus” (I João 5:13).

É verdade que a interpretação dada às Escrituras depende muito daquilo que nos ensinaram. O que devemos fazer, para não sermos influenciados, é continuar a ler a Bíblia até que a própria Palavra seja o nosso Mestre por meio do Espírito Santo.

Creio que se der aos seus “amigos religiosos” a lista dessas referências, verificará que eles não tinham ideia do que a Bíblia diz a esse respeito.

O mal está em que muitas pessoas aceitam o que se lhes ensina sem estudar pessoalmente a Bíblia.

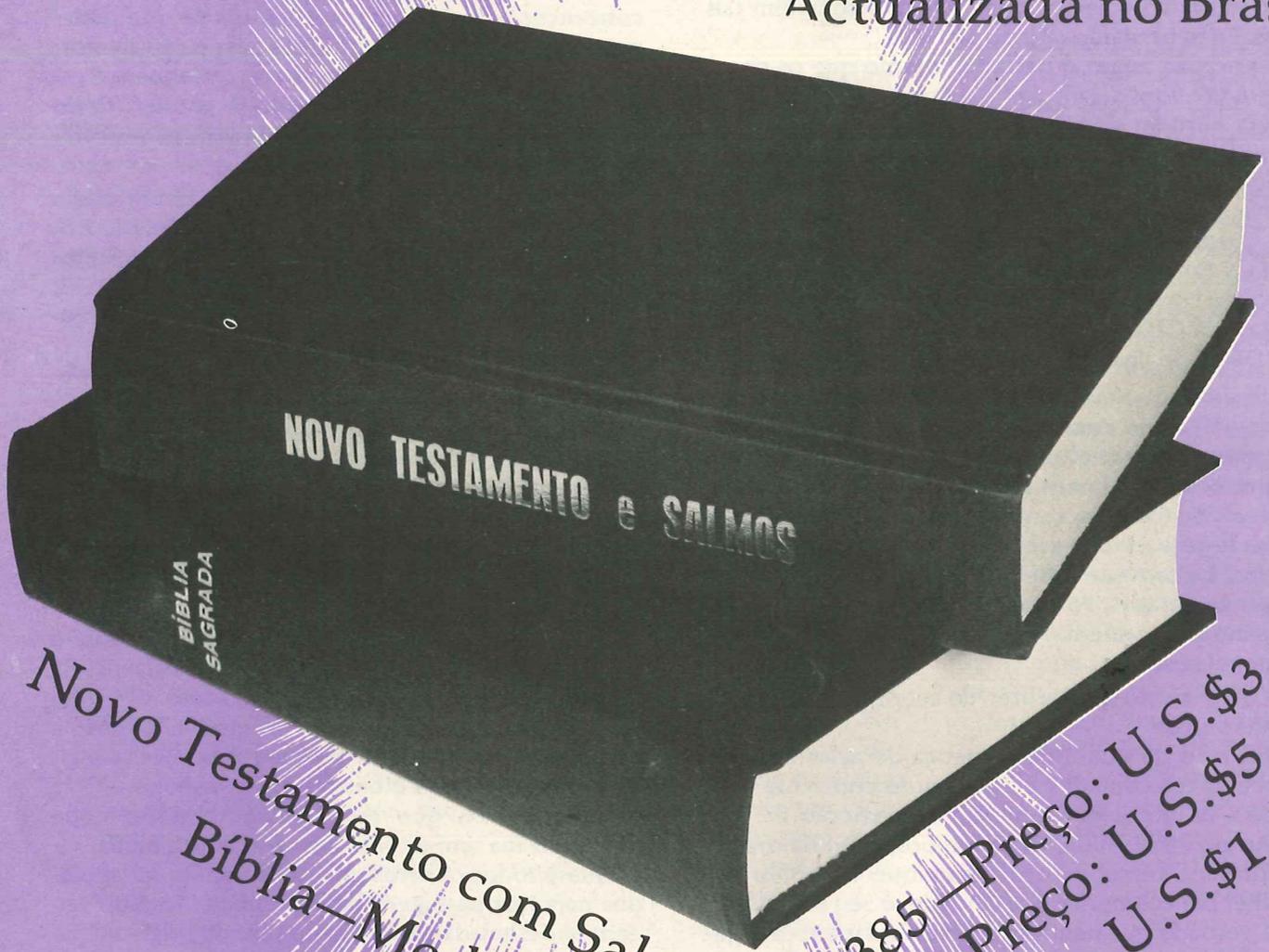
Quase todos os erros religiosos podem ser apoiados alguma passagem bíblica tomada fora do seu contexto e levada para além do sentido original.

Não nego o facto de que alguns comentários não possam ajudar a compreender as Escrituras, quando não nos fôr possível fazê-lo pessoalmente. Tanto para os leitores como para os escritores, “nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação” (II Pedro 1:20). Isto quer dizer, sujeita a interpretação subjectiva sem ser confirmada pela doutrina cristã histórica.

No entanto, concordo com aquela senhora que disse que o que gostava mais na Bíblia era que a ajudava a entender melhor os comentários. □

BÍBLIAS E NOVOS TESTAMENTOS

Temos já em depósito a Edição Revista e
Atualizada no Brasil



Novo Testamento com Salmos, Ra-385 — Preço: U.S.\$3.25
Bíblia—Modelo Ra-053, cor preta—Preço: U.S.\$5.00
Novo Testamento, DN-240—Preço: U.S.\$1.00

Encomende
o seu exemplar à

CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES